

Paris prevê queda de Funaro. E desfecho rápido para a crise.

O presidente François Mitterrand está disposto a examinar, juntamente com seus parceiros europeus, a possibilidade de uma ação comum destinada a criar condições mais flexíveis para que os países endividados possam honrar seus compromissos internacionais relativos às suas respectivas dívidas. A informação foi confirmada ontem por fonte do Palácio do Eliseu que explicou não existir, por enquanto, nenhuma definição da iniciativa a ser adotada. Teme-se apenas que essa alternativa possa chegar um pouco tarde, pois os meios financeiros europeus estão prevendo um desfecho rápido para a crise brasileira, acreditando que nos próximos dias o presidente José Sarney possa ser levado a efetuar importantes modificações na sua equipe econômica, após a volta do ministro Dílson Funaro dos EUA, caso ele não obtenha qualquer abertura junto aos banqueiros comerciais com quem está mantendo contatos nesse momento. Se isso ocorrer, dificilmente o presidente Sarney teria condições de resistir, tendo em vista a soma das fortes pressões internas e externas exercidas por grupos que reivindicam a cabeça de seu ministro da Fazenda.

A fonte palaciana confirmou que foi durante a recente visita de Mitterrand a Portugal, encerrada na quarta-feira, que o presidente Mário Soares fez um amplo relatório sobre a gravidade da evolução econômica brasileira, país que acabara de visitar, cujos termos impressionaram o chefe de Estado francês, advertindo-o, inclusive, para a situação social cada vez mais tensa e admitindo o perigo de uma explosão social. Isso

poderia provocar a própria desestabilização do sistema democrático.

Dessa forma, o recado do presidente José Sarney transmitido através do presidente Mário Soares, de Portugal, foi assimilado pelo presidente da França, mas também pelo ministro do Exterior, Jean Bernard Raymond, que integra o governo do primeiro-ministro Jacques Chirac. Ele também se manifestou publicamente no mesmo sentido, isto é, confirmando o estudo de uma ação comum na área dos países da comunidade européia, tendo em vista a rápida deterioração do clima econômico, social e político no Brasil. Por enquanto, o problema está apenas restrito ao campo das intenções, esperando-se que possa materializar-se brevemente, através de iniciativas concretas.

Ainda ontem, o matutino **Le Figaro** divulgou uma informação da enviada especial à Lisboa, a jornalista Irene Jarry, na qual ela confirma as gestões do presidente Mário Soares, traduzindo um desejo do presidente José Sarney. Mário Soares, segundo o matutino francês, afirmou a Mitterrand que "as autoridades de Brasília lhe haviam solicitado para evocar, diante do presidente francês, os riscos de explosão social provocados pela crise da suspensão do pagamento dos juros da mais forte dívida mundial". O jornal atribui ao presidente Mário Soares a afirmação de que "o presidente Sarney teme ver a jovem democracia brasileira voar em pedaços, razão pela qual gostaria que a França pudesse intervir junto às instâncias internacionais para obter um pouco mais de

flexibilidade dos credores, públicos e privados". Tais manifestações do presidente Mário Soares estão na linha das declarações feitas durante sua visita ao Brasil.

Na área financeira francesa, indaga-se se ainda haverá tempo, tendo em vista a situação da "extrema tensão" das relações entre a comunidade financeira internacional e as autoridades monetárias brasileiras. Isso porque, para alguns banqueiros franceses ouvidos ontem em Paris, a disputa de braço-de-ferro entre o Brasil e seus credores entra numa fase final. "Encontramo-nos perto do desfecho, o momento em que os bancos vão dizer claramente que a situação atual não pode mais perdurar". Para a maior parte dos banqueiros franceses, o ministro Dílson Funaro está condenado, enquanto apenas alguns ainda acreditam que se possa caminhar com ele para um "grande acordo", mesmo admitindo que a forte campanha interna e externa contra o atual ministro dificulta o desenvolvimento normal das negociações.

Essas mesmas áreas consideram insuficientes as medidas econômicas anunciadas no final da semana passada pelo ministro brasileiro e que constituem a base da negociação atual nos Estados Unidos. Eles esperam que o governo brasileiro apresente um plano mais consistente, contendo medidas de redução dos déficits, inclusive o público, de controle da inflação, etc., sem o qual não vai obter satisfação junto aos banqueiros internacionais.

Reuli Junior, de Paris